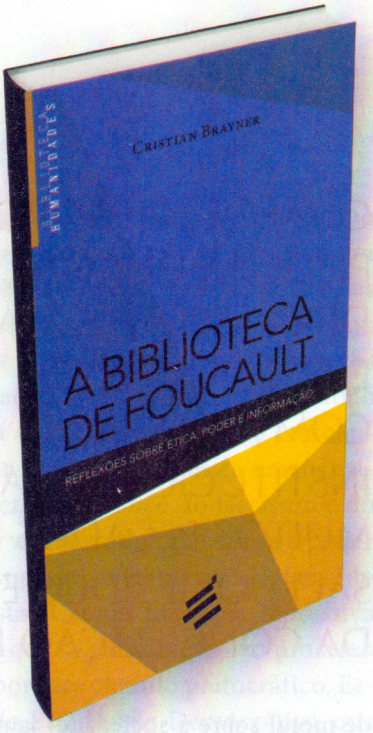


A biblioteca de Foucault: Reflexões sobre ética, poder e informação
Autor: Cristian Brayner
Editora: É Realizações
288 páginas

Dos livros, das leituras: A Biblioteca de **Foucault**

FILOSOFIA, LITERATURA E ESTÉTICA

A leitura sempre foi alvo, em maior ou menor escala, de debates, reflexões e, como tais, de contradições que se revelam quando expostas a indagações ocultas. Nessa medida, falar de leitura e de livros é pensar em textos, bibliotecas, público leitor, histórias, e um longo "jardim de caminhos que se bifurcam" por lembrar de Borges em muitos âmbitos, sentidos e graus.

A Biblioteca de Foucault, de Cristian Brayner (É Realizações), livro publicado recentemente, traz inúmeros ensaios preciosos sobre as questões que envolvem bibliotecas. São ensaios variados, bem escritos e que se propõem a pensar o papel das bibliotecas, em especial, nos dias de hoje. Antecede os ensaios uma preciosa entrevista com o autor em que já pressupomos o que virá depois. Clareza, profundidade, experiência e repertório saltam aos olhos dos leitores. Nessa entrevista o autor destaca o papel da biblioteca como um espaço que é privilegiado por conter documentos histórico documentais, "mas também por estar empenhada em invisibilizar vozes consideradas impróprias ou inadequadas ao sistema de poder vigente, silenciando, total ou parcialmente, sujeitos e coletividades". Nessa perspectiva, os ecos de Foucault entram em ação. Ou seja, se muitos, ingenuamente, pensam que a biblioteca poderá conter documentos importantes para os leitores, deve-se admitir que a própria escolha dos documentos de uma biblioteca envolve outras questões. Poderá ou não tornar invisíveis as vozes que, por exemplo, não interessam aos poderes, como também nos ensina o grande pensador francês.

Um outro ponto importante na entrevista e que devemos destacar: o descaso no Brasil em relação às bibliotecas. Entre tantas coisas que o autor nos coloca, denuncia (e com toda a razão) o caso das bibliotecas escolares. Isto é, o quanto as bibliotecas escolares, em sua maioria, estão nas mãos de pessoas despreparadas para exercerem, de fato, o importante papel de bibliotecários pelo grave fato de grande parte dessas bibliotecas estar nas mãos de professores "readaptados". Professores esgotados (por várias razões) de suas funções docentes.

Um ensaio que deve ser ressaltado, que integra esse livro, é o que

O AUTOR NOS COLOCA, SOBRE AS BIBLIOTECAS ESCOLARES, O FATO DE QUE ELAS ESTÃO NAS MÃOS DE PESSOAS DESPREPARADAS. NA MAIORIA SÃO PROFESSORES ESGOTADOS (POR VÁRIAS RAZÕES) DE SUAS FUNÇÕES E NÃO BIBLIOTECÁRIOS

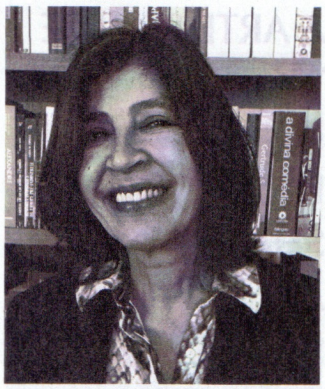
A LEITURA, EM ESPECIAL NA CONTEMPORANEIDADE, DISPUTA SEU ESPAÇO COM DEZENAS DE OUTROS ESPAÇOS, TALVEZ, MUITO MAIS ATRATIVOS. COMO DIZ O AUTOR EM MUITOS MOMENTOS, O LIVRO EM SI PERDEU MUITO DE SEU PROTAGONISMO

fala sobre o poder. Nesse ensaio a voz de Foucault soa nitidamente para nós leitores. Cristian faz uma análise rigorosa a respeito dos poderes. Em suas palavras: "E como o poder é exercido dentro dos muros das bibliotecas? De maneira simbólica, principiada pela construção de um sistema de verdades (arranjos) firmado em uma ordem gnosiológica. É assim que o mundo se torna logicamente plausível e homogêneo, destituído de arbitrariedade. Portanto, a biblioteca não é mero substrato, mas fundamento do mesmo poder que lhe deu origem. Em outras palavras, além de sustentada, é sustentáculo do poder político, seja como prédio, seja como fornecedora de algum tipo de serviço destinado a cultivar corpos e socialmente habilidosos". Diga-se de passagem que todos os ensaios da obra em questão possuem uma análise que busca a lucidez dos fatos. "Uma biblioteca pensada para todos, além de soar como discurso ingênuo, vulnerabiliza as ações internas e fragiliza seu desejo de perpetuidade na esfera pública. Definir uma biblioteca implica estabelecer o nível de comprometimento dos corpos em sua configuração. E aqui tocamos em um problema que envolve as escolas de Biblioteconomia: supervalorizamos as coisas – processos e técnicas – em detrimento das pessoas. Nossa fragilidade brota da zona de conforto em optar por máquinas e mecânicas em vez do enfrentamento com a subjetividade humana." Observa-se nesse fragmento a profundidade das reflexões do autor. A obra como um todo possui imagens relacionadas com livros clássicos e mais contemporâneos, assim como o diálogo necessário com grandes pensadores.

Nessa medida, Cristian Brayner reflete, em quase todos os ensaios, questões pouco abordadas pelos profissionais da área. Ou seja: em que medida as bibliotecas de hoje podem, de fato, exercer um papel importante na formação, não somente de estudantes? Em que medida as bibliotecas, escolares ou não, constituem um espaço de leitura importante? Em que medida as bibliotecas atuais se propõem a mudanças significativas? Será que bastam os bibliotecários arquivarem e classificarem livros e saberes? Será que bastam novas tecnologias que geralmente localizam informações? Ou alguns atrativos dentro dos espaços das bibliotecas para que possamos acompanhar o ritmo das grandes transformações que devemos e temos que enfrentar? E a grande questão, a subjetividade humana, tudo indica, segundo o autor, é deixada de lado. Aquilo que realmente deveria ser enfrentado não constitui uma das preocupações do bibliotecário e de todos os envolvidos com as questões de leitura e, sobretudo, de literatura.

A grande verdade é que deveríamos compreender, de uma vez por todas, que a leitura depende de muitos e muitos fatores. A maioria deles está fora da esfera de nosso controle. A leitura, em especial na Contemporaneidade, disputa seu espaço com dezenas de outros espaços e, talvez, muito mais atrativos. Como diz o autor em muitos momentos, de forma mais subjacente ou não, o livro em si perdeu muito de seu protagonismo.

A grande verdade é que a leitura depende de um encontro profundo entre duas subjetividades: a do leitor e a do autor de um livro. Um encontro que promete o abrigo e o acolhimento tão necessário para nossas insuficiências e incompletudes. Não há receitas para tal encontro. Não existem fórmulas mágicas. Existe a necessidade real e incontornável de atenuar a solidão a que todos nós, como seres humanos, estamos condenados. Ler é se entregar a um diálogo não somente com outras subjetividades, mas, inclusive, tentar a busca, desesperada, de uma outra voz que tenta, ao menos, falar conosco. A nossa. Aquela que tentamos ocultar de nós mesmos. filo



Ana Maria Haddad Baptista (A. M. H. B.) é mestra e doutora em Comunicação e Semiótica. Pós-doutora em História da Ciência. Pesquisadora e professora da Universidade Nove de Julho. Escreve sobre Literatura nestas páginas.

IMAGENS: DIVULGAÇÃO E ARQUIVO PESSOAL